



24/06/21

Karina dos Santos Tigre

Artes Visuais – Bacharel

Artes na Paraíba e no Nordeste

Gabriel Bechara

RESUMO

Ativar suas a_fe_tividades, sua forma de se expor, de criar, ser fértil, vem através de viajar ao interior de suas águas; recriar seu próprio mundo, dos acessos que vem, nos sonhos, nos registros antepassados, nas intuições.

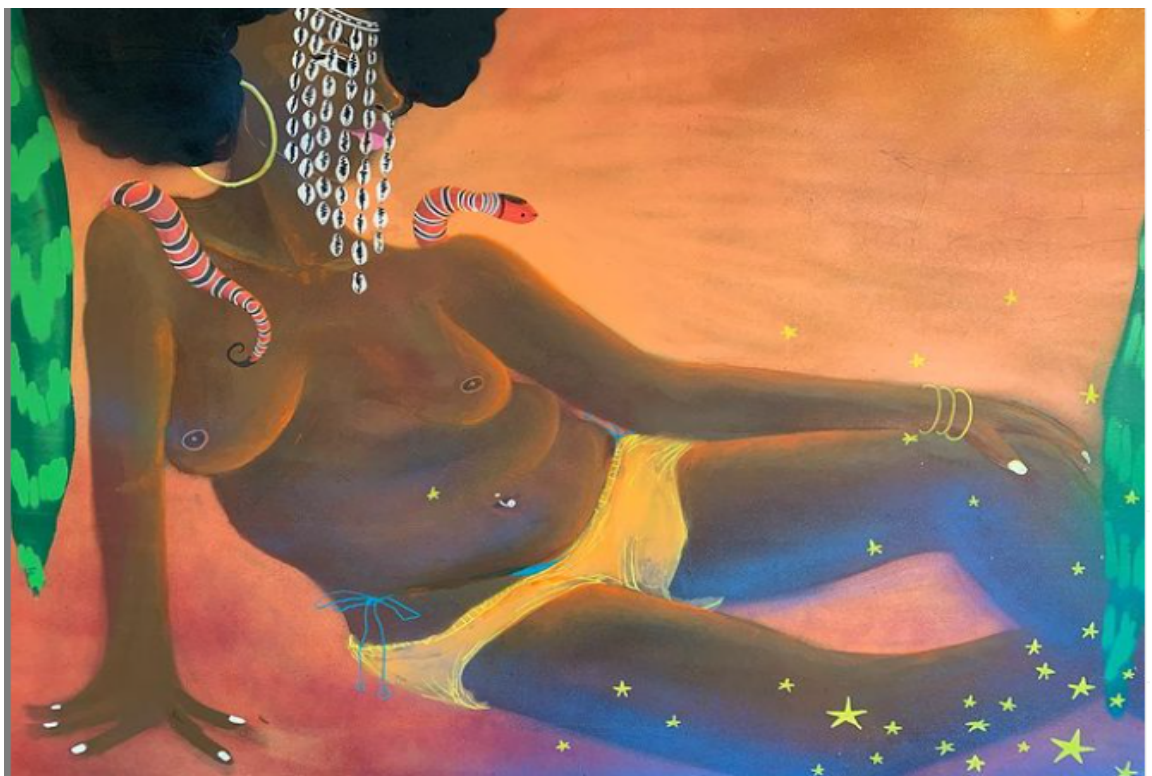
Kerolayne Kemblin, graduada em artes visuais, pela UFAM, é natural de Manaus-AM, trabalha sua relação com o cotidiano, dos encontros que são gerados através do sentir, multiartista, possui uma forte ligação com a espiritualidade de diáspora africana, tendo assim na maioria de suas obras espadas de Ogum, o Deus do ferro, nessa representação de proteção, de forças que guerreiam ao contrário

Kerolayne Kemblin

Vida, ancestralidade, sensível, espiritualidade, arte, amor, afeto, provocação ao agora, mulher preta, periferia, grandeza, profundidade, sentir pra fazer sentido, mergulho, corpo político, amor negro.

“Enquanto eu estiver viva, estarei acontecendo o tempo inteiro.”

“O tempo do tempo é no tempo dele mesmo. Tudo é nada. Tudo é nada, e nada é tudo.”



Kerolayne Kemblin (dacordobarro, assim conhecida na plataforma instagram) é artista visual, trabalha com diversas linguagens, sendo elas: pintura, grafite, lambe-lambe, colagens digitalizadas e experimentos áudio visual. Natural de Manaus- AM.

Kerolayne desenvolve um trabalho altamente sensível, detalhado e poético, do que é ser uma mulher negra, do que é ser um corpo político e ancestral, espiritual, manauara, carregando toda essa potência do que um território indígena, que também possui uma diáspora africana carrega; grande reinventar dos dias, de saber que a necessidade de ser a mesma de ontem não existe, que ser artista é entender e acolher mudanças, às vezes tão rápidas ou que caminham todas juntas ao mesmo tempo; percebo muitos desses atravessamentos quando paro para prestar atenção nos trabalhos de Kerolayne, a forma única de saber comunicar aquilo que está sempre ali acontecendo no cotidiano, mas que seu olhar sensível alcança lugares nunca antes sentidos. Penso que impulsionar é a sina de ser artista, nessa grande gira, que faz a poeira levantar e entender que aquela criação vem manifestada do que é mais vivo e presente dentro de si, a acreditância em si mesma e na outra, a possibilidade de querer ser e querer ver o quanto aquilo pode e atinge quem nos cerca; numa dança, no encontrar e no balançar, na conversação pelo olhar, acontecendo antes mesmo do toque, se permitir ser atravessade.

As cores, a postura, os acessórios, o poder que a obra de Kerolayne traz, nessa conexão pulsante com o que é vivo, com o que emana um significado muito maior do que o estético. Uma viagem no tempo; me leva para um tempo íntimo, ancestral, poderoso; transforma o que é visto socialmente com olhos cruelmente julgadores, em uma potente apresentação do que é ter uma postura de consciência enquanto uma mulher preta, que conhece e cuida das suas retomadas, que faz sua manutenção diária de amor e cura. Sentir os atravessamentos espirituais na sua obra é acalanto, a doçura beleza de Oxum presente nas joias (bracelete, véu de búzios caindo sob seu rosto, argolas nas orelhas) na postura, nas cores douradas e brilhosa; as espadas de Ogum apresentadas nas laterais da tela, a cobra coral, esse elemento da natureza ligada

a esse eterno retorno para nós mesmas, vida, morte, vida; da sua ligação com os originários dessa terra Pindorama, ligada aos Caboclos.

A obra de Kerolayne, veio afirmar o quanto somos essa potência cheia de fertilidade, de beleza, de enfrentamentos diários das nossas guerras, internas e externas, essa sutileza em ser, essa presença sincera de ter consciência de suas raízes; o amor como fio condutor da sua percepção firmada do que é ser e ter uma ancestralidade viva pulsando.

A mensagem que essa obra traz, também se interliga com essa construção diária de mulheres racializadas, para perceber sua beleza e firmar sua autodescoberta. Não fica apenas no ilusório estético, da beleza por beleza, passa diversas informações, sobre uma sabedoria que foi muito apagada, por diversas opressões, uma corpa que luta todos os dias para se fazer (R)existente em diversos espaços; um corpo não padrão, ela consegue representar nitidamente uma corpa real, o ponto de encontro entre observador e obra vai se interligar por alguma sensação que ela causa, mas também por traços semelhantes, coisas que você carrega e percebe uma importância, pois entende que uma artista realçou isso como algo potente, rico, único, natural, etc. Pessoas racializadas trabalham em cima de suas curas, criam, co criam suas próprias curas, dão existência profunda a todas as suas memórias, retomam seus saberes, através de novas imagens, que fogem de imposições colonizadoras que tanto nos desviou para um “não lugar”, e que ainda hoje insistem nesse “não lugar”, porém, estamos nadando contra essa correnteza que nos aprisiona em direção de novos horizontes, decolonizando pensamentos, hábitos, corpos.

Kerolayne, além de trabalhar com arte de rua, áudio visual etc, trabalha como arte educadora, na periferia onde decidiu habitar; criando e recriando novos espaços para crianças que nunca tiveram suas reais demandas atendidas, até porque temos a real noção como funciona o ensino nas periferias e também todo o descaso que rola com as crianças, que sempre passam por um estado de vulnerabilidade quando assim não amparada; abrindo o espaço da sua casa, Kerol se mostra ali uma rede de apoio, para que elas entendam esse lugar de pertencimento.

Corpas pretas estão sempre nesse eterno retorno, percorrendo caminhos ancestrais que nos conecta a cura; estar no mesmo espaço-tempo com mulheres que enxergam a sua potência, sua expansão, seu valor enquanto existência é ter consciência que essa terra está sendo bem cultivada, que suas sementes estão germinando, que frutos irão nascer e muitas outras corpos serão alimentadas.